

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA

LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

SUMMARIO:

O LIBERALISMO E A UNIÃO CATHOLICA, pelo Padre Vieira. — **SECÇÃO RELIGIOSA: Os principios catholicos perante a razão, I—O atheismo**, (continuação) por D. FRANCISCO XAVIER GARCIA RODRIGO. — **SECÇÃO SCIENTIFICA: As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884, II**, por Monsenhor Rodrigues Vianna (continuação). — **SECÇÃO HISTORICA: Veronica, II**, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — **SECÇÃO CRITICA: A fome n'esta provincia, em 1798 e 1799**, pelo Padre Joaquim José Soares; **Agricultura**, por Dom Antonio d'Almeida. — **SECÇÃO PARLAMENTAR: Discurso de S. Ex.ª R.ª o Snr. Bispo da Guarda, na sessão de 29 de março** (continuação). — **SECÇÃO ILLUSTRADA: I—O Padre Secchi**, por Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão; **II—O panna-tempo dos Cesares**, por R. — **SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por A. dos Guimarães.** — **RETRÓSPECTO DA QUINZENA**, por J. de Freitas. — **SECÇÃO NECROLOGICA: O Padre Antonio José Ferreira Caldas**, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE AGOSTO DE 1884

O Liberalismo e a união catholica

LEVANTAI-VOS, ó homens de puras crenças, acercai-vos do estandarte aqui, além, em longinquas paragens hasteado por vossos avós. Adorai a Cruz, e abraçai-vos com a bandeira da patria, bandeira gloriosa que tantas e tantas vezes subiu a fluctuar sobre as ameias dos castellos mouriscos. Todos vós quereis união; tambem eu a quero. Vejamos, porem, quaes aquelles que poderão entrar como seus membros. Esperai um pouco, que nos entenderemos.

Ha, desde muito, levantando-se no velho mundo europeu, e nos ultimos tempos, transportada ao novo mundo uma certa planta que, segundo os melhores physico-genealogicos, pertence á familia d'aquellas que ha perto de quatro seculos brotaram á voz do frade apostata. Coberta pelas negras azas do protestantismo, occultou-se, sempre que o pode, nas preteritas idades. Chegou assim o seculo dezoito escoltado pelos seus mil pseudo-sabios; e, quando já bastante se haviam espalhado as subversivas ideias da perigosissima Encyclopedia, quando já os espiritos eram promptos a recolher no jardim d'alma a planta, velha pelos decorridos annos, mas sempre nova pela seducção que tinha nas folhas de que se vestia, indo assim muito além da expectativa d'aquelles que tão esmeradamente a haviam cultivado, entra n'esse jardim, deita raiz e levanta-se, como por encanto, mas não bella, não amavel como d'antes; tendo em si o principio destruidor apresenta-se na sua mais-horripilante hediondez, tenta desmoronar, e realmente desmorona todos os edificios da velha



O PADRE SECCHI (DA COMPANHIA DE JESUS)

sociedade; pega do Christo e leva-o até ás margens do Sena, e ahí, deixando-o ir aguas abaixo, lhe dá por cumprida sua divina missão; vai ao templo e sobre os sagrados altares colloca a divinizada barregã. . . furta a França ao benefico sopro da Santa Egreja, e, no auge do seu delirio, com ares de triumphante, exclama: NÃO HA DEOS!

A's lamentaveis producções d'esta planta chamaram *Revolução*, á planta, porém, não souberam logo dar nome. Passado tempo os auctorisados fizeram uma nova palavra, e á planta que tantos havia fascinado e que tantas lagrimas arrancara, chamaram liberalismo. Distinguiram n'elle um *exaltado*, outro *moderado*, e, em nossos dias um. . . *catholico!* Combate-se o primeiro porque elle, o *impudente!* mostra em toda a parte e sempre de onde vem, francamente se explica sobre o que busca, e sem reboço diz para onde vai. Não gosta de hypocrisias, e é por isso que muitos, ou antes, quasi todos o odeiam. No meu parecer é o melhor, porque é o mais calvo, e brande, mais ás claras, o punhal homicida. Se o vejo, logo fujo; fecho-lhe a minha porta, e jamais lhe dou accesso á minha meza.

Os seus sequazes são uns verdadeiros demonios; não os espero confiado em cruzes e agua-lenta, mas poderia responder aos seus primeiros movimentos com uma bala da minha espingarda. Mais do que este me amedronta o liberalismo moderado. E como assim não ser? Os seus fins são identicos aos do primeiro, os meios de que lança não são os mesmos, divergindo somente no modo porque são postos em acção. Não nos apparece á luz do meio dia com o facho incendiario na dextra, porém *muito amigavelmente*, em conversação intima, no meio de nossos salões, me arranca a vida com o traçoeiro punhal. Com que lhe respondo? com um «traição» e com o estrondo que no pavimento faz o baquear d'um corpo exanime.

Quem são os que pertencem á terceira especie, ouço que me perguntaes? Conheceis Lamenais? Ahí, n'esse homem incomprehensivel tendes um liberal catholico, por elle podereis aferir todos os outros; querem tudo, e tudo repellem, optando finalmente por aquillo que mais convem aos seus vis interesses. Uma vez acatam a palavra dos Pontifices, outras interpretam-na muito a seu modo, outras, finalmente, revoltam-se contra ella. Na scena representada durante a vida é este, quasi sempre, o ultimo acto.

Agora respondi-me:

O homem que escuta, sempre, submisso, a voz de Pedro, isto é, o verdadeiro catholico, poderá, com razão, ligar-se com estes catholicos adjectivados para defender os interesses religiosos? Ila de ir juntamente com elles a pedir

as ordens monasticas, quando são elles que aproveitaram com a sua extinção, e ainda hoje estão de posse de quintas e casas que só pela mais grave das injustiças poderam ser-lhe vendidas ou dadas?

E' com elles que devem ligar-se os catholicos para se opporem ao despotismo do governo para com a Egreja, quando são elles mesmos que lhe negam o direito de propagar a sua doutrina sem que primeiramente ás *letras de Roma* o Cesar conceda o seu regio beneplacito?

E' com elles que se hão de ligar os catholicos para reivindicar os sagrados direitos do Papa sobre o throno da cidade eterna, quando para elles o bom successo legitima todos os factos? Não; será a resposta de todo o homem pensador. Para haver união é mister que primeiramente elles abandonem seus erros, deixem de aproveitar-se de um roubo. Depois venham, venham, que os abraçaremos; haverá união, uma verdadeira união, e é então que, sendo fortes, nos acharemos dispostos para a defeza da verdade, para a defeza da justiça, para a defeza do direito.

Antes d'isso nunca, mil vezes nunca. Pio Nono, de saudosa memoria uma e muitas vezes assim o declarou. Leão XIII que hoje preside aos destinos da barca de Pedro não pode mandar o contrario. Sobre as palavras do pontifice sophismem, sophismem sempre; mostrarão a sua *esperteza*: a verdade, porém, apparecerá, como em todos os tempos, uma e eterna.

P.º VIEIRA.

Secção Religiosa

Os principios catholicos perante a razão

O atheismo

(Continuado do n.º anterior)

CONTRA a pretendida substancia universal, da qual são modificações todos os seres da criação, rebella-se o senso intimo do genero humano, fazendo comprehender ao homem que não é uma simples modificação, senão uma substancia separada de todas as mais, um individuo verdadeiro, e que são exclusivamente suas as sensações, os affectos e os pensamentos que interiormente experimenta: Poderia elle d'outro modo ser responsavel pelos seus actos? Existem não poucas substancias d'um mesmo attributo, que gozam de igual natureza sendo, como o homem, individuos d'uma só especie; porém não podem ser simples modificações, como ensina o obcecado e pertinaz materialista, confundindo torpemente a identidade da natureza

com a identidade individual. A substancia universal é uma chimera, e por consequente o materialismo de Espinosa é a perversão mais absurda e deploravel da intelligencia humana.

Os incredulos insistem em suppor o mundo creado pela combinação da materia, mas recebeu esta combinação algum impulso? . . . Foi casual? . . . A primeira supposição revela-nos um Agente superior á materia; a segunda leva-nos á theoria absurda dos atomistas. Ha muitos argumentos contra este erro, mas, em obsequio á brevidade, apenas exporemos um.

A materia ou foi creada, ou é eterna: no primeiro caso, escusadas são as hypoteses do atheismo acerca da formação do mundo, porque no auctor da materia encontramos a origem racional da criação, como ensina Moyses na sua admiravel cosmogonia. Se a materia é increada, ha de ser precisamente immutavel, perfeita e necessaria; porque não é possível concebermos a idéa do eterno sem as restantes qualidades que lhe são essenciaes. A materia não pôde ser immutavel, pois necessariamente perderia similhante condição na mudança que a fez combinar-se d'outro modo para formar o universo: a materia pois transformada nos diversos entes da criação perdeu a sua immutabilidade, porque no seu modo de ser soffreu uma mudança absoluta. Para que a materia seja perfeita ha de sel-o em si ou em suas modificações, como um vaso de ouro é por necessidade d'este metal, e não de outro: principio de que se deduz que os seres deveram ser perfeitos para gozar d'esta qualidade da materia que os constitue: esta theoria, porém, desacredita-a desgraçadamente a modificação chamada homem com as suas enfermidades e vicios, com as suas duvidas e contradicções! Não sendo a materia immutavel nem perfeita, tambem não é necessaria; porque esta condição não existe sem os demais attributos da Divindade. Esqueceram os erros de Espinosa, e esquecerá o moderno pantheismo, que ha de renascer debaixo d'outra forma em que será igualmente vencido: porque a heresia audaz sabe reproduzir-se qual soberba hydra, como a espada vencedora da Egreja sabe da mesma forma derribar uma apoz outra as cabeças de serpente tão immunda, de reptil tão venenoso.

Todos os pensadores imparciaes consideram o materialismo como um verdadeiro desvario de entendimentos obcecados até o ponto de confundirem a materia e o espirito n'uma identica substancia, assim como foi outra chimera a *alma do mundo*, estranha invenção dos Pythagoricos e Estoicos (1), que se bem

(1) Eschola de que Virgilio aprendeu o

não adoptaram aquelle erro tão absurdo, poderam suscitar as duvidas do metaphisico Espinosa. Mas quando o homem allucinado adquire a lucidez da sua razão e logra emancipar-se do dominio despostico e feroz das suas paixões, bem depressa abandona o atheismo e volta para Deus seu coração agradecido.

E' de grande valor e significação o testemunho que todas as nações da terra offerecem contra o atheismo. A historia ensina-nos que nunca existiu povo nenhum sem principios religiosos, ainda que toscamente professados; e confirmam esta verdade todos os viajantes antigos e modernos de bom senso, cujas narrações não apresentam dados em contrario; pois ainda que um ou outro, ignorando o idioma, os usos e costumes das hordas selvagens que ligeiramente visitara, julgou encontrar n'ellas a negação completa de idéas religiosas, averiguações posteriores vieram corrigir esta creença equivocada. Tem-se escripto com demasiada leviandade que os litteratos da China faziam profissão do atheismo, não tendo presente que os seus sacrificios ao *espírito do céu* provam o contrario (!), fazendo-se cargo das noticias adquiridas pelos sabios missionarios acerca daquelle paiz desconhecido, que ninguem como elles tem visitado interiormente, e cujas creenças moraes nenhum viajante pôde conhecer com mais exactidão que os encarregados da sua reforma catholica.

Revoluções espantosas transtornaram a geographia politica do mundo, desaparecendo povos fortes e poderosos no seu tempo: caíram vastos imperios e os costumes transformaram-se ao pujante impulso de barbaros conquistadores; mas a religião permaneceu inalteravel na consciencia humana, e as novas nacionalidades, conservando como as antigas o principio religioso, reconheceram a necessidade d'um culto. Os homens discordaram no numero dos deuses e nos ritos com que deviam honral-os, porém todos convieram na existencia d'um Agente superior aos seres da criação, — principio universalmente acceite, ainda que o idioma, a differença de costumes, os encontrados interesses ou rivalidades sanguinarias e ferozes mantenham dividida a desditosa raça humana. E' forçoso conhecer que não poderia dominar o mesmo pensamento em todos os mortaes, se elle não estivesse gravado em eternos caracteres no coração humano. Esta idéa

mesmo erro, que consigna no livro vi da *Enéida*, v. 734 e seguintes:

Principio aelam, ac terras, camposque liquentes.

Lucentemque globum Lunae, Titanisque astras
Spiritus intus alet, totamque infusa per artus
Mens agitat molam, et magno se corpore miscet.

(1) *Cartas edífic.*, liv. xxi, pag. 493.

sublime é o intimo convencimento de que existe Deus: convicção tão arraigada em a natureza dos homens que torna impossível uma sociedade athéa. *Confessamos que ha deuses pela creença que ainda as nações mais barbaras teem d'isto*,... escrevia Seneca; e Cicero diz igualmente: «Além d'isso não tem existido nação alguma tão barbara que haja negado a existencia de Deus; e provando-nos esta verdade a segura expressão da natureza e o assentimento universal do genero humano, não será a maior obcecação o negar que ha Deus (?)?»

(Continúa.)

D. FRANCISCO XAVIER GARCIA RODRIGO.

Secção Scientifica

As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

(Continuado do n.º anterior)

II

• Apostolado do Clero em face da—Civilisação intellectual

Illustrado e religioso auditorio!

Nas grandes revoluções que trabalham a humanidade, ha sempre duas epochas notavelmente distinctas e salientes; uma epocha de destruição e outra de recomposição. Nós atravessamos, sem duvida alguma, um periodo singular, singularissimo, da ultima d'estas epochas: vivemos em tempos de afanosa recomposição social.

O seculo passado signalou-se tristemente na historia, pelos deploraveis estragos do seu genio fatalmente destruidor. Com o sorriso voltaireano nos labios, e armado da terrivel alavanca d'um philosophismo tão audacioso como subversivo, o seculo dos encyclopedistas não deixou de pé nem uma só d'essas augustas instituições, que são a base solida e insubstituivel do edificio social, e que a humanidade tem contemplado sempre com admiração, venerado com respeito, e abençoado com amor. Quando, porém, já nada mais havia que destruir, as gerações olharam em roda de si, e vendo-se n'um ermo espantoso, semeado de ruinas e d'escombros, sentiram um vacuo immenso que lhes tornava infortunada a existencia, e hoje procuram avidamente encher esse vacuo, prestando ouvidos attentos ás verdades mais salutaes, como aos erros, e utopias, mais fallaciosas e mais dissolventes.

Eis o que faz o nosso seculo; seculo

(1) *Fusc.*, 70.

que não tem creanças, mas sente a necessidade de crer; não tem principios firmes, nem convicções radicadas, mas é acessivel a todo o doutrinamento; não tem programma fixo e precisamente definido no seu momentoso labor da recomposição da sociedade, mas envida esforços de gigante pelo bem estar e prosperidade d'ella.

Ha, todavia, no sempre variavel, embora sempre deslumbrante, programma social da nossa epocha, uma theoria assente que o torna, sobre inexequivel, funesto e ruinoso. E' que a epocha parece desconhecer que as sociedades, no seu percurso atravez dos seculos, são como a nau em sua derrota atravez da immensidade dos mares; necessitam de leme e de bussola; leme que as proeeje, bussola que as anorteie.

Por vezes batida das ondas e da furia da tormenta a nau sossobra, naufraga, uma sociedade perece: mas immediatamente d'entre as suas ruinas surge uma nova sociedade, e essa nova sociedade pôde, sim, recolher ou deixar de recolher os despojos da sociedade naufragada, pôde apropriar-se ou deixar de apropriar-se indifferentemente as idéas, as leis e as instituições da sociedade que a precedera; mas não pôde dispensar-se jamais de dous elementos, que sobrenadam por cima de todos os naufragios, pairam sempre indestruiveis por cima de todas as revoluções e de todos os cataclismos, e sem os quaes nenhuma sociedade pôde subsistir.—o leme e a bussola—*a Religião e o Clero*.

Não o entendem assim, com effeito, os nossos modernos sociologos; porque sabido é com que empenho, bem digno de melhor causa, impugnam a religião e desvirtuam o clero, como inuteis para a realisação da sua decantada idealidade social, chegando até, na sua animosidade para com este ultimo, a bradarem desplantemente aos quatro ventos—*O Clero, eis-aquí o inimigo!*

Em vista d'isto que deve fazer o orador sagrado? Vingiar o influxo benefico do clero na ordem social, demonstrando à luz dos principios e da historia a necessidade da sua interferencia para que sejam bem dirigidos e profficuos os empreendimentos de reorganisação, que preocupam a sociedade contemporanea. Tal é o fim, a que miram estas humildes predicas quaresmaes.

Ao começas no domingo passado, contentei-me com fazer a apresentação do meu illustre protogonista, e forcejei por alcançar-lhe um acolhimento grato, provando ao seculo, que essa bem manifesta animadversão, que elle vota ao sacerdote catholico, não se comprehende, collide, é antinomicamente com os gloriosos titulos, que enaltecem um seculo grandioso e potentissimo.

Hoje venho propriamente elucidar as

qualidades e os inestimaveis dotes, que exornam e recommendam o meu apresentado, e combater os preconceitos que tornam injustamente suspeito e odioso. E como um d'esses preconceitos, muito crido e muito vulgarizado, é ter-se o clero como obscurantista e inimigo das luzes, proponho-me discorrer sobre o *Apostolado do Clero em face das luzes*, ou da *Civilisação intellectual*.

O assumpto é vasto e elevado; e, á pureza, nem cabe na limitadissima esphera da minha intelligencia, nem me julgo competente para discutil-o a toda a altura d'elle, e do illustrado auditorio que me rodeia.

Confio, porém, na valiosa protecção d'Aquella, a quem damos o doce nome de Mãe, e que é a omnipotencia supplicante perante a omnipotencia soberana. E confiado tambem na generosa benevolencia, que sempre, por favor me tendes dispensado,

Principio.

Senhores!

A primeira palavra creadora, que brotou do infinito seio de Deus e resou no mysterioso vacuo do nada, foi uma palavra de luz.

Antes de architectar os mundos e desdobrar o vistoso pavilhão dos céos, recamado de saphiras luzentes; antes de cinzelar as gigantescas pyramides das montanhas, e bordar a matiz o formoso quadro das campinas; antes de projectar nos espaços a immensidade dos astros, e de encerrar nos abysmos a immensidade dos mares, o Eterno fallou, e a luz surgiu! *Fiat lux et facta est lux!*

Palavra de luz foi a primeira pagina do grande livro da natureza, a primeira nota da harmonia ingente da criação, o proemio da divina epopeia do universo.

E a palavra de luz é tambem, senhores, o primeiro elemento de vida, belleza e harmonia, que reclama para o cahos do seu espirito o homem, a corôa especiosa da natureza, a synthese fulgurante da criação, o universo em miniatura.

Contrariamente aos demais seres viventes, que, na sua immensa maioria, nascem com os olhos hermeticamente fechados, o homem mal tem vindo aos aditos da vida, abre logo os olhos ao primeiro contacto da luz, como a flôr abre o seu calice ao primeiro contacto do raio do sol matutino. E, quando de noite a luz artificial vem substituir a luz do dia, a creança volta-se para ella, e para ella parece sentir-se irresistivelmente attrahida, como a doudejante borboleta.

Factos são estes, que de ordinario passam desapercibidos; mas que no entanto significam muito, porque denunciam essa tendencia, ou melhor, essa sçde ardente de luzes, de instrucção,

de ensino, que é, por assim dizer, innata no espirito humano, e que mais tarde a creança, apenas a palavra baluciante começa a desprender-se de seus labios, manifesta bem pronunciadamente, fatigando-nos com suas instantes e reiteradas perguntas para saber tudo, sondar tudo, e de tudo se apropriar idéas que a esclareçam.

Não ha duvida: somos feitos para a luz. E se este seculo tem um nome que fascina e electriza: se o exalçam ao fastigio d'uma grandeza sem semelhante; se os artistas da palavra lavram uma pagina, e os museistas da historia emolduram um quadro brilhantissimo para immortalisarem a sua passagem por sobre a terra, é porque o circunda uma aureola resplandecente, é porque elle leva inscripto nas dobras da sua bandeira esse rotulo sempre sympathico e prestigioso para a humanidade, que symbolisa um dos seus estímulos mais poderosos, um dos seus ideaes mais arroubadamente festejados—*luzes e civilisação para todos*.

Quaes são porém essas luzes, qual essa civilisação, a que todos mais ou menos aspiramos? Estudemo-nos por momentos, que nós mesmos o dilucidaremos.

(Continúa)

Secção Historica

VERONICA

II

Em todos os logares de Jerusalem, assinalados por algum acontecimento prodigioso da vida e morte do Redemptor, alcançam os visitantes devidamente preparados indulgencias que lhes são concedidas pelos Summos Pontífices.

A relação do religioso franciscano, que citamos no artigo antecedente, concorda com outra que faz o P. Francisco Guerreiro, na sua *Viagem á Terra Santa*, no anno de 1588.

Diz assim:

«Fomos pela rua da *Amargura*, por onde Christo Senhor Nosso saiu a morrer, levando a Cruz ás costas, da casa de Pilatos até o Calvario.

«Deixamos á mão direita a igreja do dito Calvario e o Santo Sepulchro, em que não entramos, por a reservarmos para a ultima estação; e vimos a casa da piedosa mulher que com uma limpa toalha, chegando-a ao Divinissimo Rosto de Christo Senhor Nosso, o tirou estampado com o seu preciosissimo sangue e com a sua verdadeira effigie.

«Duas dobras tinha esta toalha; uma se venera em Roma, a outra na santa igreja cathedral de Jaen.»

Faremos aqui notar que o celebre Lu-

cas Marineu, historiador siciliano que viveu nos principios do seculo xvi, na sua obra—*De rebus Hispania memorabilibus* (Das cousas memoraveis de Hespanha) tambem diz que o Santo Sudario de Veronica se conserva na igreja de Jaen.

Mas, em verdade, não podemos asseverar com certeza que seja este o proprio retrato do Salvador estampado na toalha com que Veronica alimpou o Santissimo Rosto. Porquanto outros affirmam que a verdadeira effigie existe em Roma, e ainda outros querem que esteja em Turin.

Seja, porem, como fôr, esta divergencia dos auctores em assignar o logar onde está a preciosa reliquia, em nada affecta a historia de Veronica; porque se não trata de averiguar qual dos referidos sudarios é o de Veronica, mas de firmar o facto que succedeu na rua de *Amargura*.

Este facto é confirmado pelas revelações da veneravel Anna Catharina Emmerich, religiosa agostinha, que falleceu em cheiro de santidade, em 9 de fevereiro de 1824.

Vamos citar textualmente o que se lê na obra de Clemente Brentano, amanuense de Emmerich (a verdadeira auctora da *Historia da Paizão*). E' a narração circunstanciada, mais que nenhuma outra, do facto de que nos occupamos.

Eis a revelação da piedosa virgem da Westphalia:

«O acompanhamento entrou em uma extensa rua, que voltava alguma cousa á esquerda, e á qual vinham dar muitas outras transversaes. Muitas pessoas bem trajadas iam passando para o Templo, e pela maior parte se desviavam, por um temor pharisaico de se mancharem, ao passo que outras mostravam alguma piedade.

«Teriam andado cousa de duzentos passos, desde que Simão começara a levar a Cruz com o Senhor, quando uma mulher de alta estatura, de aspecto respeitavel, trazendo pela mão uma menina, saiu d'uma bella casa que ficava á esquerda, e se lançou á frente da comitiva. Era esta, *Seraphia*, mulher de Sirach, membro do concelho do Templo, que depois foi chamada *Veronica*, de *vera icon* (verdadeiro retrato), por causa do que n'este dia praticou.

«Seraphia tinha preparado em sua casa um excellente vinho aromatisado, com o piedoso intento de o dar a beber ao Salvador, em seu doloroso caminho. Ella se adeantou para a rua, coberta com seu veo, com um panno deitado aos hombros, e a menina, de cousa de nove annos, que ella tinha adoptado, estava ao pé d'ella, e escondeu, ao chegar a comitiva, o vaso cheio de vinho.

«Os que caminhavam na frente quizeram embaraçal-a, mas ella abriu ca-

minho por entra a gentalha, soldados e archeiros, chegou até Jesus, lançou-se de joelhos e lhe presentou o panno que desdobrou deante d'elle, dizendo: «Permitti-me enxugar o rosto de meu Senhor.» Jesus tomou o panno, applicou-o ao rosto ensanguentado, e o restituiu com agradecimento.

«A menina levantou timidamente o vaso de vinho para Jesus, mas os soldados e archeiros não soffreram que com elle se refrigerasse.

«A coragem e promptidão d'esta acção tinha excitado um movimento no povo, que tinha demorado, perto de dous minutos, e dado lugar a Veronica de apresentar o sudario. Os phariseus e os archeiros, irritados d'esta pausa, e principalmente d'esta publica homenagem prestada ao Salvador, entraram a ferir e a maltratar a Jesus, enquanto Veronica entrava á pressa para sua casa.

«Mal tinha ella entrado no seu quarto, quando estendeu o sudario sobre a meza, que tinha diante de si, e caiu sem sentidos; a menina se ajoelhou ao pé d'ella, soluçando.

«Uma pessoa de sua amizade, que vinha visitá-la, a encontrou d'esta sorte, junto d'um panno desdobrado, em que o rosto ensanguentado de Jesus se havia impresso, d'um modo maravilhoso, mas terrível. Esta pessoa ficou attonita ao ver tal espectáculo, e tendo conseguido que Seraphia voltasse a si, lhe mostrou o sudario, deante do qual ella ajoelhou chorando e clamando: «Agora quero deixar tudo, já que o Senhor me deu esta lembrança.»

«Este sudario era de lã fina, tres vezes mais comprido do que largo; isto usavam ordinariamente em volta do pescoço; era costume o ir com estes sudarios ao encontro das pessoas afflictas, fatigadas ou enfermas, e enxugar-lhes o rosto, em signal de dó e compaixão.

«Veronica conservou sempre o sudario, pendurado á cabeceira do seu leito. Depois da sua morte veio á mão da Santa Virgem, e depois á Igreja pelos Apostolos.»

Eis aqui o que, segundo Anna Catharina Emmerich, sabemos relativamente ao facto de Veronica. A sua narração, a mais circumstanciada de todas as que conhecemos, está de perfeito accordo com o testemunho da tradição.

A inspirada auctora refere em seguida muitas particularidades de Santa Veronica, que antes se chamava Seraphia. Diz que ella era prima de João Baptista e parente da Santissima Virgem, tendo assistido ao seu casamento com S. José. Seraphia, desde muito tempo, fazia parte dos fieis servos de Jesus.

Seu marido Sirach, descendente da casta Susanna, era membro do concelho do Templo, e tambem era um dos amigos do Salvador.

Mas que valor podem ter as revelações de Anna Catharina Emmerich? Não serão sonhos d'uma visionaria, ou antes do seu amanuense?

Responderemos a esta objecção no artigo seguinte, continuando a historia de Veronica.

(Continúa.)

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Secção Critica

A FOME N'ESTA PROVINCIA

EM 1798 E 1799

Providencias accertadas. Caridade do convento de Tibães (pequena amostra do que faziam os «frades», para o snr. Carvalho, redactor do «Conimbricense», ver).

Um dos maiores e mais terriveis flagellos com que a mão justiceira de Deus pune, na terra, os peccados dos homens é a fome.

E' a fome aquella medonha calamidade que arrebatou o pão aos chefes de familia, permitindo-lhes unicamente alimentar seus filhos, chorosos e descarnados, com abundantes lagrimas sobre elles derramadas!

E' a fome aquella espantosa tormenta que, na sua passagem furibunda, derriba o ancião, o mancebo e a criancinha!

E' a fome aquella grande e horrivel adversidade que entristece os semblantes, emmagrenta os corpos, encova as faces, encrespa os cabellos, extenua as forças, tolhe os membros, congela o sangue, deshhabita as casas e junca o solo de cadaveres!!

Quem a não teme?! Quem não estremece só em pensar n'ella?

Portugal ainda não sentiu verdadeiramente os profundos e mortaes golpes de espada tão pavorosa e devastadora; mas, se ainda os não sentiu de véras, tem já experimentado, aqui e além, quantas vidas ella arrebataria, se Deus não se amerceasse de nós.

A provincia do Minho, postoque terra fecunda e productiva, deixou, em 1798 e 1799, de galardoar o trabalho agricola.

Tendo sido as colleitas do anno de 1798 assás escassas pela intemperie da atmospheria, e concorrendo com esta circumstancia a geral penuria de todos os generos, ocasionada pela guerra que pertinazmente continuava na Europa, subiu o pão a preços tão exorbitantes que chegou a vender-se o milho grosso a 800, 900 e 15000 reis, crescendo d'esta maneira consideravelmente o numero da gente miseravel e a consternação geral de todas as pessoas sensiveis.

Em Maio de 1799, para obviar os elleitos da dura e cruel avareza dos

rendeiros, que se aproveitavam da miseria publica para enriquecerem á custa da pobreza, poseram os magistrados taxa ao pão de milho, fazendo-o vender a 650 reis. (1) O primeiro e principal author d'esta providencia foi o Juiz de Fora de Guimarães—Manoel Marinho Falcão, conhecido n'esta provincia pela sua integridade, zêlo e amor do bem publico.

O principe mandou tambem insinuar aos negociantes da praça de Lisboa, que seria do seu agrado que elles fizessem transportar, para esta provincia, milho, centeio ou trigo, a fim de socorrerem á miseria publica.

O Arcebispo Primaz tomou esta occasião da geral necessidade para escrever ao clero uma Carta Circular, em data de 4 de Junho de 1799, cheia de sentimentos de piedade e humanidade, «exhortando a todos a repartirem esmolas aos necessitados, segundo as possibilidades de cada um, e rogando, em especial, aos reverendos abbades e beneficiados que, por compaixão dos pobres, mandassem arrecadar os seus dizimos e rendas por sua conta, para que os seus parochianos e mais pessoas miseraveis escapassem á cruel dureza e insensibilidade com que os rendeiros não só esperavam o ensejo de vender o pão pelo mais alto preço, mas até o afferrolhavam com intuitos de cubica e avareza, causando ou augmentado a geral penuria que se experimentava», etc. etc.

Agora veja o snr. Carvalho, redactor do «Conimbricense», se pôde apertar o nariz para ler o seguinte que *cheira a frades*. Não haja incommodo por falta de aviso. A mim e a muita gente não fazem mal os *frades*; mas ao snr. Carvalho. Portanto cautela.

O R.º P. D. Abbade Geral do convento de Tibães—Fr. Manoel de Santa Rita Vasconcellos, não só mandou em grande parte dos mosteiros da Congregação augmentar a esmola da portaria, fazendo suspender outros gastos para acudir áquelle objecto mais importante, mas tambem no mosteiro de Tibães fez repartir uma esmola de pão tão copiosa que chegaram a concorrer a ella pessoas dos bairros mais remotos de Braga e seus arredores.

Ilouve dia em que se contaram á porta do convento mais de 1:000 pessoas (!!), gastando-se com ellas quatorze e quinze alqueires de milho cozido!! (2)

A somma do milho dado em esmola de

(1) Hoje, no tempo da *liberdade*, livre-se o povo de mostrar o seu descontentamento contra a usura dos agiotas, que se o faz, em vez de se marcar preço ao milho, marca-se na cadeia lugar para o povo faminto.

(Nota da redacção.)

(2) Para que o snr. Carvalho não julgue que se forjou esta *insolencia* dos frades, declara-se que ha documento por onde se prove.

pão cozido, desde Maio de 1798 até Maio de 1799, foi de - 2:404 alqueires!!!

E que diz a isto o snr. Carvalho de Coimbra? Sempre os frades tinham coisas.... darem assim de comer a tantos individuos carregados de fome!.... Que *patifaria* esta, snr. Carvalho!...

Nada..... não se querem frades porque eram caritativos; dispensam-se os frades porque instruíam; não precisamos de frades porque os conventos eram o foco da sciencia; para longe os frades porque.... hoje para matar a fome, fazer obras de caridade e derramar a sciencia, basta o snr. Carvalho (no seu «Conimbricense»).

Só uma pergunta: Se o snr. Carvalho de Coimbra estivesse no meio das 1:000 pessoas que imploravam esmola na portaria de Tibães, e ahí gritasse contra os frades, que tal seria a *sarrabulhada*?

Padim da Graça—Julho de 1884.

PADRE JOAQUIM JOSÉ SOARES.

ERRATA

No artigo — *Aos paes — educae.... educae*, publicado no n.º 17 d'esta Revista, sahiam alguns erros typographicos que vamos corrigir.

Lê-se logo na 1.ª columna—*sustar* em vez de—*suster*. A 2.ª columna, na linha 21, apresentou—*obscuras*, quando devia ser—*obscenas*; e na linha 55 sahio—*desvaneceriam*, por—*se desvaneceriam*.

Padre Soares.

AGRICULTURA

RESENTE-SE muito a agricultura na Europa da *situação apurada* e em *crítico progresso* do preço dos seus productos no mercado e mui especialmente no do trigo. Sabemos nós, que o que mais importa aos *consumidores* é o *bom* e por *melhor mercado*; aos agricultores, como taes, o que importa é o haverem um preço remunerador, contentando-se os *modestos* com uma retribuição que lhes augmente o capital de modo a que lhes fique alguma cousa em riqueza, e não tenham só o bastante para poderem continuar no anno á porta com a repetição dos trabalhos do anno passado. A Europa tem mil concurrentes em trigos, que não cessam de o ser, embora sejam abundantes as colheitas europeas; aquelles concurrentes sam a America, a Australia e a India; a produção é por forma abundante, e o custo de ella é por modo barato, que a Europa não lhe pôde fazer face, e assim a especulação aproveita-se, e o negociante ganha embora perca o agricultor europeu; de esta maneira, com a offerta larga e por menos preço, o pedido exerce-se sobre os trigos estrangeiros, e o lavrador europeu sustenta-se com muito custo até que

de todo não possa. Os Governos não podem obrigar á compra por preço mais alto do que se pôde obter, melhor ou pelo menos tão bom, por preço mais barato. O *Código-Napoléão* em França e toda a *legislação Europeá* que n'elle se modelou; as *leis* insufladas pela *Escola-moderno-economica* desharmonisaram e perturbaram (com a *desmoralização*) as condições estatístico-sociaes da Europa, e assim as condições necessarias da agricultura. *Taes leis* imperativas de *desamortização* não têm sido ellas mesmas mais que *mortalisadoras*; phreneticas de divisão, só dividiram para dar alguns *palmos de terra a uns* e ajuntarem poderio ambicioso de *uns poucos* o que estava em mãos fertelisoras, de generosas e justas de outros.

Agora mesmo acabo de lér o que escreveu em Pariz um *economista*, aliás todo da *theoria novissima*, mas em rasgo de *lucido intervallo*; leiam o que elle escreveu—*«Les économistes (intenda-se novos) qui préconisent la liberté absolue des échanges necessent d'affirmer que plus l'importation se développera, plus nous obtiendrons le pain à bas prix. Rien jusqu'à present ne confirme cette prédiction.»* Como n'esta é assim em todas as promessas da tal *Escola economica* sempre que ésta vai só com o que é *exclusivamente seu*. Aquelle, de quem copiamos as textuaes palavras, propõe-se em seu citado trabalho a demonstrar o estado decahido da agricultura em França, tomando em especial o ramo dos trigos, e provando com cifras que nem a abundancia das colheitas em França é capaz de afastar a concurrencia dos trigos estrangeiros, importados da India, da Australia e da America do Norte; de esta parte da America o trigo é posto na Europa (preço de cultura, de transporte, ganho do negociante) por *uma melude* do preço do custo do trigo produzido em França, e foi assim, que apesar das abundantes colheitas do sólo francez em 1880—81 e 82, a importação do trigo estrangeiro (das tres procedencias indicadas, particularmente do Norte-Americano) foi, com relação áquelles tres annos, de 12.852,000 *qtx.* = 12.946,600 = 10.000,000 = vendidos em França pelo valor de um milhar ou bilião e 100 milhões de *francos!* Não houve n'aquelle trienio *deficit* de colheitas de trigo em França mas a França comprou n'aquelle enorme importancia! E' claro, que os lavradores das citadas regiões fóra da Europa sam animados pelos resultados obtidos n'esta parte do Mundo, e por consequencia procuram estender ainda mais a cultura do trigo, e assim poderão aquelles tornar-se os *sós fornecedores primitivos* do mencionado cereal para a Europa. Cá, na que *se diz velho Mundo*, as *leis da Revolução* (filha querida da *Maçonaria*) tomaram

fazer da agricultura uma como *desherdada*, que não pôde ser reabilitada com *Exposições*, que mais contentam os *papalvos* do que satisfazem os homens *pensadores*. As *palavrosas leis* rouham á agricultura os braços; com os impostos fazem suar sangue os agricultores; com o engodo da *papeluda* afastam os capitaes do emprego na terra; com o *gôzo* das paixões na cidade tornam abortida a vida nos campos; com a soberba em factos e denominações fazem até dizer ao cavador, que sem cavar, dizia na *Ribeira de Santarem*, *eu sou artista do enxada!* tornam o homem do campo gastador e luxuoso, tirando á familia o que dá *pelo preço reduzido* á vista dos *cavallinhos* e do *theatro* de barracão na cidade; *etc., etc., etc.* o que se resume tudo em *desmoralisar* e empobrecer os proprietarios, os simples caseiros e trabalhadores. Em riqueza, *economicamente* fallando, tem a primeira importancia a agricultura; quando está abatida esta as outras actividades economicas não podem florescer; bem commercial é a Inglaterra, bem industrial é a Belgica, mas bem e principalmente sam cuidadas da sua agricultura estas duas Nações, que nem por isto deixam de se resentir, embora não tanto como a França e Portugal, como Paizes da Europa, *da questão dos trigos*. Em França é tida a crise *industrial* como filha da crise agricola, isto por parte mesmo de aquelles, que só olham *estas duas especies*, e que não sóbem até apontar a causa real de todos os males da Nação Franceza, e de outros Povos, que não é outra que a *Escola Maçonico-Revolucionaria*, que se propôz a destruir tudo bom, e a *substituir-o* por ruinas, que chamou e chama *progresso!*

Os vastissimos tractos de terra, já não diremos na India como na Australia, e ainda menos n'esta que na America do Norte, que, sendo propriedade de particulares possantes, permitem a estes o uso franco das grandes machinas de lavar; e por ventura outras que exigem desafogo de extensão; tal ou taes meios de cultivar, em menos tempo e mais barato, torna-se mui geralmente impossivel em França, em Portugal e outros Paizes Europeus continentaes, por isso que é n'elles mui dividida a propriedade, havendo mesmo milhares e milhares de taes proprietarios, que *quasi* só tem tanto terreno quanto o necessario, ou não muito mais, para caberem e ficarem immoveis as alludidas machinas. Na Norte-America é ainda tão minimo o preço de transporte, que as empresas ferroviaves só ganham no transportar (e não menos dos trigos) por isso que os muitos poucos fazem a somma *em muito*. Sem entrar em mais particulares, e resumindo-nos em questão vastissima, diremos: os trigos das tres designadas

procedencias chegam á Europa em condições de abundancia e preço, com que a produção na Europa não pôde competir; logo o lavrador europeu só pôde ser favorecido por um direito protector, mas tal direito não é justo quando elle ponha só a salvo o productor á custa do sacrificio do consumidor. Um balanço do commercio tem de estar sempre em exercicio, o que não deixará de produzir uma oscillação nos calculos do agricultor europeu, e assim este sem aquella tranquillidade, que é exigencia, condição e consequencia da vida agricola.

Não só no referente ao cultivador de trigo, que tomámos como objecto especial de este trabalho, como ao cultivador *in genere*, podemos dizer ou aqui repetir: as leis de espirito moderno e as theorias da moderna Escóla, que sam

dous na presença de Salomão. A vida moderna, feita pelas idéas maçonico-revolucionarias, chama todos á cidade, logo promove a deserção dos campos; é uma vida de luxo e prazeres, logo ataca a simplicidade e subriedade, que sam condições inalienaveis do viver agricola; é uma vida fabricadora de politicos e de empregados publicos com pouco trabalho, e até quantas vezes sem nenhum! logo tem horror aos callos da enxada e do arado, e aos cuidados aratorios; é uma vida tão materializada em ruina da alma e ao mesmo tão afroxadora das forças phisicas, quanto a vida agricola é servidora do bem do espirito e sustentadora do vigor phisico. Ao mais junta-se a lei de recrutamento, que geralmente na Europa demora pouco os mancos nos exercitos, mas bastante para

Secção Parlamentar

Discurso de S. Ex.ª R.ª o Sr. Bispo da Guarda em sessão de 29 de março.

(Continuação)

A COLÁ suspendi um ecclesiastico com muito pezar, porque para o fazer era necessario violentar os meus sentimentos e revelava o castigo um estado moral anormal no punido.

Aqui, na India, não suspendi ninguem, devido á boa indole, morigeração e submissão do clero de Goa, de cujas excellentes qualidades me apraz dar aqui testemunho.

E' unica' a queixa do reverendo Cunha



O PASSA-TEMPO DOS CEZARES

mães de aquellas filhas, sendo umas e outras de natureza estéril para qual verdadeiro bem, não podiam, nem podem ser fecundas para a agricultura.

A moderna Escóla economica é ainda usurpadora, por isso que usurpa para se gloriar aquillo que não é seu; descobertas combinações, preparos, instrumentos ou machinas, que favorecem e ajudam o agricultor, tanto teriam apparecido modernamente existindo tal Escóla como se esta não existisse, pois é ella tão mãe de aquelles nascidos como a que votou pela divisão do menino em

os inclinar ao gosto de cidade e ao desapego do viver rural. E sabe que mais, leitor! está fora dos eixos tudo, em que se tem assentado a moderna mão com o intento louco e impio de fazer esquecer e tornar desnecessaria a Eterna Mão! o modernissimo pôz-se em estonteado e sacrilego desafio com Deos! como se pôde duvidar de que Deos seja o Vencedor? e, vencendo Deos sempre, reserva-Se O Todo-Poderoso uma outra Victoria, que virá quando e como Deos aprouver!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

feita depois de trez annos. O bispo é o protector nato do seu clero.

E por isso que estou tratando do passado, direi duas palavras a respeito da propaganda, visto os dignos pares, os snrs. Antonio de Serpa e Miguel Osorio, por quem professo o maior respeito e que sinto estarem ausentes, terem fallado n'este assumpto. Eu, snr. presidente, entendendo que a propaganda é o catholicismo, que é o apostolado catholico, uma congregação que com este nome ou com outro não pôde deixar de existir.

O Santo Padre tem a missão divina

de evangelisar as ideias christãs a todos os povos, em todos os tempos e logares, e não pôde prescindir d'estes enviados da sua palavra e doutrina: mentiria á sua missão.

Eu, snr. presidente, tambem fui propagandista, assim como o foram o meu chorado e virtuoso antecessor o snr. arcebispo de Goa, D. Ayres Ornellas e o sr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa e todos os prelados que governaram as missões do Oriente depois de 1857; e digo assim porque as missões do Oriente são governadas por uma delegação apostolica emanada do Santo Padre, como a dos vigarios apostolicos; a origem e o modo do poder é a mesma com referencia ás egrejas do nosso padroado situado em territorio inglez.

Por isso eu entendo que a congregação da *Propaganda Fide* é a congregação mais benemerita da humanidade, porque é ella que mais tem concorrido para a civilisação do mundo.

Snr. presidente, por esse mundo de Christo e tambem por esse mundo que não é de Christo, tenho encontrado militares, commerciantes, exploradores, e individuos destinados a diferentes occupações. O militar destina-se a fazer conquistas, ou a mantel-as para a metropole, o commerciante ao tralico mercantil, o explorador a abrir novos caminhos e novos horizontes á humanidade e á civilisação; todos são bem vindos, mas o seu destino especial não é propriamente civilisar os povos, por que a civilisação consiste principalmente na educação moral, intellectual e religiosa dos povos, e esta missão é especialmente do padre.

A *Propaganda Fide* é, em summa, Pedro, Paulo, os apóstolos e seus successores, é Vieira, Anchieta, Nobrega, Thomé, João de Brito e Francisco Xavier.

Eu desejaria que se estabelecesse uma associação de propaganda nacional no nosso paiz, para auxiliar as missões das nossas vastas colonias, e que a iniciativa particular se associasse á acção do governo, como succede em outras nações.

Vejo-me obrigado a fallar n'este assumpto, visto que, segundo ouço dizer, se trata de estabelecer em Lisboa uma secção da *Propaganda Fide*.

Digo o que ouço dizer, porque ainda não sei bem o que ha a este respeito; se se trata de estabelecer aqui uma fracção ou instituto da *Propaganda Fide*, ou sómente de collocar aqui alguns capitaes a ella pertencentes, como parece.

Os ultimos acontecimentos da Italia são conhecidos de v. ex.^a e da camara.

Este assumpto é melindroso, e eu só posso fallar d'elle aqui com muita reserva.

Entendeu o governo italiano que os bens immoveis que pertencem á *Propaganda Fide*, devem ser subrogados e con-

vertidos em titulos de divida publica, e julgando o Santo Padre que os capitaes d'esta congregação não estão seguros na Italia, entende collocar-os em outra parte; de ahi boatos, não sei se verdadeiros, se falsos, de mandar collocar esses capitaes em diferentes reinos, um dos quaes seria Portugal.

Sendo assim, pergunto eu: que inconveniente ha em que o Santo Padre collogue parte dos referidos capitaes n'este reino?

Pois não prova isto confiança no governo e no credito d'este paiz, confiança e credito que eu vejo tantas vezes por ali arrastar?

Que perigo ha n'isto?

Não o posso comprehender.

Acaso quereremos nós inaugurar a politica dos tempos de El-Rei D. Manoel, que expulsou os hebreus, e com elles tantas riquezas que possuíam?

(Continúa.)

Secção Illustrada

o Padre Secchi (1)

(DA COMPANHIA DE JESUS)

LOGROT este Padre não sómente aproveitar o rico patrimonio de conhecimentos astronomicos legados pelas edades passadas, mas opulental-o com os seus importantissimos descobrimentos, merecendo que o seu nome se escrevesse em paginas esplendidas na historia da Astronomia moderna.

Nasceu Angelo Secchi em Reggio a 22 de junho de 1818, e muito moço entrou na Companhia de Jesus, cursando os seus estudos no Collegio de Loreto.

Beram logo nos olhos de seus mestres as disposições, que manifestou, para a cultura das sciencias exactas.

São concordes amigos e inimigos da Companhia em lhe attribuir o particular condão não só de conhecer as aptidões dos alumnos, que frequentam as suas escolas, mas de os saber dirigir no sentido, em que patenteiam essas aptidões.

Do nobilissimo exercicio d'estas prendas deriva o avultado numero de engenheiros preclaros, que, em todos os tempos, hão florescido na Ordem, empenhando-se os directores dos estudos em atrahir ao seu gremio todos os mancebos, que por seus talentos a podem honrar e ennobrecer.

Não podia fazer excepção a esta regra o joven Secchi.

Logo que se lhe reconheceu pronuciada vocação para o estudo das Mathe-

(1) E' do nosso respeitavel collega de Lisboa, *A Nação*, o famoso artigo que transcrevemos com a venia devida.

maticas, foi mandado frequental-as em Georgetown, nos Estados Unidos.

Terminado o curso respectivo, alli ficou ensinando estas sciencias.

Era, porém, Georgetown limitado theatro para tamanho engenho. Recebeu ordem dos superiores, para vir estabelecer-se na capital do mundo catholico, a fim de reger uma cadeira importante no Collegio Romano.

O Collegio Romano elevado á gloria da Religião e das Bellas Artes por Gregorio XIII, era nos Estados Pontificios, uma como universidade e atheneu de varias artes e sciencias.

Alli se ensinava a Theologia especulativa, a polemica, a moral, os canones, a Historia Ecclesiastica e os Sagrados Ritos.

Alli concorria, tambem, a mocidade a apprender a Lingua Latina, a Hebraica, a Grega, a Rhetorica, a Mathematica, e a Physica, etc.

Para a regencia da cadeira de Physica é que fôra chamado dos Estados-Unidos o inclito professor.

Desencadeou-se o tufão revolucionario em 1848, invadiu a Italia, e obrigou os Jesuitas a dispersar-se.

Aproveitou o Padre Secchi este infeliz ensejo, para viajar por França, pela Inglaterra, e Estados-Unidos, visitando seus principaes estabelecimentos scientificos, tratando e conversando os mais eminentes sabios d'estes paizes.

Logo que o Pontifice foi restituído aos seus estados, regressou, tambem, á capital o Padre Secchi, sendo por elle encarregado de dirigir o Observatorio do Collegio Romano.

Dedicado, exclusivamente, á sciencia, como homem de verdadeiro saber, de observação profunda, de são e recto criterio, comprehendendo em toda a sua grandeza o sacerdocio, que exercia, logrou o Padre Secchi permanecer estranho a todo o genero de questões, que em torno d'elle se agitavam entre os diferentes partidos.

Foi parte esta judiciosa abstenção, para conciliar a estima e respeito de seus concidadãos sem differença de idéas politicas.

Continuaram a dedicar-lhe esta consideração e respeito os proprios membros do governo de Italia, que, sendo expulsos, novamente, os Jesuitas, fizeram do Padre Secchi excepção especial, conservando-o não só na direcção do Observatorio, mas, o que é para notar, augmentando a dotação do estabelecimento, para mais amplamente desenvolver as suas observações e estudo.

Homenagem respeitosa, e de todo o ponto insuspeita, prestada ao genio transcendente do eximio astronomico, que elevava a sublime cathgoria o observatorio de que era director.

Havia o governo pontificio nomeado

o Padre Secchi seu delegado na commissão internacional do *metro*, que devia reunir-se em Paris, e a que assistiu em 1872.

Já o dissémos, e novamente o repetimos.

Havia-se conservado o nosso Jesuita completamente estranho ás luctas partidarias, vivendo, exclusivamente para a sciencia, fóra do circulo de todas as agitações e intrigas politicas.

Não lhe valeu, todavia, tamanha isenção, a perfeita nullidade, a que de boa mente se condemnára, para o eximir de ser esbulhado do character official, que tinha na commissão do *metro*.

Protestou o delegado do governo italiano contra a presença de Secchi, declarando que não assignaria os documentos respectivos ás conferencias, se continuasse a assistir-lhes.

Aproveitaram-se, ainda assim, as luzes do nosso jesuita por um accordo, a que todos os membros da commissão adheriram. Consideraram-n'o membro da commissão, como homem de sciencias.

Podiam, na verdade, privar-o, como effectivamente privaram, do character official, com que alli comparecera; do que não podiam despojar-o, sem manifesta injuria, e a mais flagrante injustiça, era da incontestavel prerogativa de homem de sciencia, porque o era no mais rigoroso sentido dos termos.

Já vimos que o padre Secchi elevára o observatorio do collegio romano á cathedra dos mais notaveis do velho e novo mundo; outro prestante serviço, porém, fez á sciencia, fundando o observatorio meteorologico do antigo *Mons Albames*.

Foi entregue, depois da fundação, este observatorio aos monges do mosteiro do Monte Calvo, a fim de n'elle instituirem todas as observações relativas á meteorologia, com o desenvolvimento proprio dos progressos, que ultimamente havia tido.

Era, geralmente, conhecido o padre Secchi, em todas as nações cultas, como Astronomo distinctissimo. Haviam sollicitado a admisión d'este sabio em seu gremio todas as sociedades scientificas tanto nacionaes como estrangeiras. Contava-o, desde 1741, no numero de socios a Academia das Sciencias de França, havendo tomado parte mui activa em seus trabalhos, combatendo como acerrimo adversario as theorias de Mr. Fayé sobre os furacões, os cyclones, etc., etc.

Calculam-se em mais de trezentas as memorias publicadas pelo astronomo italiano nos seguintes periodos:

NUOVI ATTA D'ELL'ACADEMIA DEI LINCESI, JOURNAL OF SCIENCES DE SILLIMAN, SMITHSONIAN CONTRIBUTIONS, ANNALES DES SCIENCES MATHÉMATIQUES ET PHY-

SICQUES COMPTE-RENDUS DE L'ACADÉMIE DES SCIENCES, etc., etc.

Discutiam-se n'essas memorias graves questões de mathematicas puras, de meteorologia, de Physica, e de astronomia.

Encontra-se a enumeração chronologica d'estas memorias no CATALOGUE OF SCIENTIFIC PAPERS, publicado pela sociedade Real de Londres, e na BIBLIOTECA DOS ESCRIPTORES DA COMPANHIA DE JESUS, que a dá continuada até 1873.

Dedicou-se, particularmente, o padre Secchi ao estudo do Sol.

Foi o primeiro que applicou o methodo descoberto por M. Jaussen ás observações das protuberancias solares. Foi, tambem, o primeiro que expoz a idéa de que o sol devia ser um corpo gazozo, idéa que foi recebida favoravelmente.

E' a mais formosa de suas obras, que foi traduzida em quasi todas as linguas, a que intitulo:

O SOL
EXPOSIÇÃO
DOS DESCOBRIMENTOS MODERNOS
SOBRE A ESTRUCTURA
D'ESTE ASTRO

Reuniu n'esta obra as observações e theorias, que o tornaram tão celebre, a respeito da constituição physica do sol, da distribuição do calor na superficie d'este astro, as protuberancias e sua distribuição, as erupções, a radiação, a gravitação, as nebulosidades, as estrellas duplas, os espectros das estrellas, as estrellas volateis e os cometas, observações e theorias verdadeiramente maravilhosas.

E' a sua ultima obra a que publicou em 1878 em Milão intitulada:

A ESTRELLA

que foi immediatamente traduzida, como o havia sido o SOL.

Não se limitaram a estas preciosas luctações os trabalhos de Secchi; outras manifestações da poderosa actividade do seu genio lhe ennobrecem o nome, e estão assignaladas nos fastos da sciencia.

Apresentou na EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1867 um instrumento que inventou, denominado METEOROGRAPHO. Era a função propria d'este instrumento registrar, automaticamente, as variações do barometro, do thermometro, etc., conservando-as ao mesmo tempo.

Descreveu este ingenhoso instrumento na METEOROLOGIA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1867, e por este invento foi premiado com a grande medalha d'ouro, e a cruz de official da Legião d'Honra.

Facilmente se comprehende, que tão variados e profundos estudos, que requeriam longas vigílias e excessivas fadigas, deviam, necessariamente, deteriorar a sua constituição, por mais robusta que fosse, produzindo grandes alterações no organismo.

Não se poupava a trabalho o grande

astronomo. Era infatigavel, quando se tratava de justificar alguma observação, ou estudar algum novo phenomeno. Empreendia longas viagens, submettia-se a todo o genero de privações e incommodos. Esquecia-se de tudo, que lhe podia alterar a saude, para unicamente se lembrar de que era homem de sciencia, e que, para preencher a sua elevada missão, não devia poupar-se a quaesquer sacrificios.

Esta dedicação apaixonada pela sciencia, e as fadigas extraordinarias, que sempre a seguiram, deterioraram-lhe, profundamente, a saude, surpreendendo-o a morte em Roma a 26 de fevereiro de 1878.

Foi, geralmente, sentida a perda d'este sabio, porque era grande a estima, que todos lhe consagravam.

Quatro dias depois da sua morte celebraram-se em Roma solemnes exequias, em que se fez representar o governo italiano, e a côrte pontificia, assistindo muitos sabios nacionaes e estrangeiros.

Concorreram todos os homens notaveis a prestar esta justa e merecida homenagem ao varão egregio, que tambem ennobrecera a Italia e a companhia.

Em junho de 1880 erigia-se em uma das praças de Roma um monumento para perpetuar a memoria do jesuita Secchi.

Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.

II

o passa-tempo dos Cezares

Vimos como o notavel escriptor, o ex.^{mo} snr. dr. Rodrigues de Gusmão, nos apresentou o homem da sciencia, o homem creado ao bafejo da mais notavel das instituições, o homem que morreu debruçado sobre os livros, amando o trabalho, derramando a luz por toda a parte. Vejamos agora o homem materia, a machina que se movia para agradar ao Cezar, ao despota, que imperava em nome da tyrannia, que vivia em meio da corrupção, do vicio, da depravação moral.

O Padre Secchi, o jesuita insigne, reunia em volta de si as academias, os homens mais notaveis pelo seu saber, pela sua illustração, para lhes demonstrar uma nova descoberta astronomica, para lhes annunciar um passo mais na estrada do saber; o gladiador, o homem estupidissimo pelo fanatismo pagão, reunia em volta de si uma côrte corrupta, circuitando o Cezar, a encarnação da estupidez e da devassidão, para assistir ao combate da materia com a materia, da bruteza humana com a bruteza selvagem das feras do deserto. E o Cezar em recompensa, consentia que o sangue do gladiador, mesclado com o sangue dos animaes ferozes, manchasse a area do cir-

co, e morrendo pudesse bradar:—SALVÉ! CEZAR, MORRENDO TE SAUDAMOS!

Hoje, porém, que os Cezares desapareceram sob os escombros que serviram de pedestal á sacrosanta cruz, existem ainda os gladiadores, que, em nome da materia, morrem degladiando-se com o vicio. Estes são os ESPÍRITOS FORTES do seculo XIX, que não tendo o circo dos Cezares gastam a saúde nos cafés, nos lupanares, nas hodegas, nos camarins das atrizes. E são estes os inimigos dos jesuitas dos que formam os Secchi, os Felix, e essa formosa pleiade de heroes que o mundo admira.

R.

Secção Bibliographica

A Historia Popular dos Papas e a Imprensa

Não tínhamos publicado o seguinte artigo, e por isso o publicamos hoje, nas vespersas em que vamos dar principio á impressão da 2.ª edição da obra monumental de Mr. Chantrel. Eil-o: «*Historia Popular dos Papas*.—Recebemos o 4.º volume d'esta obra, que se recommenda por todos os titulos.

E' de primeira necessidade conhecer a historia dos Papas, na epocha que vamos atravessando; porque á impiedade nem as pessoas augustas dos chefes da Santa Igreja escaparam.

«A Historia Popular dos Papas» do eminente historiador Chantrel é uma obra de grande cunho e que satisfaz exuberantemente não só á necessidade dos conhecimentos historicos, relativos á Igreja, mas tambem a curiosidade dos que se delectam em fazer profundas excavações no campo immenso da historia.

Escrepta sob o criterio elevadissimo e firme do grande historiador Chantrel ella abrange e define a vida da Igreja durante 19 seculos e a dos povos principalmente da Europa, pois é certo que sabida a historia da Igreja sabe-se tambem a historia dos povos que teem recebido a sua influencia, as suas bençãos.

E' editor d'esta primorosa obra o nosso amigo Teixeira de Freitas, de Guimarães, que tantos beneficios tem prestado á religião com a diffusão d'obras religiosas de grande monta.

Recommendamos ao clero e em geral aos que desejam orientar-se e saturar-se dos principios da nossa religião e conhecimento da sua vida durante 19 seculos, esta grandiosa publicação.

Agradecemos ao snr. Teixeira de Freitas a fineza da offerta.

(*Commercio do Minho*, de 20 de Outubro de 1883.)

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Discurso na abertura do Azylo Lamecense de Mendicidade, e nota descriptiva da inauguração, por Egydio Azevedo.—Preço 200 réis.

Acabamos de lêr o formosissimo discurso do Ex.ºmº Conego Egydio Azevedo, e agradecendo-o, recommendamol-o aos amigos das boas letras, aos enthuistas e amadores dos arrojados vãos da oratoria sagrada. Os nossos parabens.

O Spiritismo—*Ilha encoberta de sebastianismo, pelo Padre Conceição Vieira.* Preço 500 réis.—Eis um livro que se deve lêr, hoje, que tanto se falla em *spiritismo*, e que tantas almas de boa fé creem n'esse embuste, que nada se harmonisa com a crença catholica, que é antes obra maldita do espirito das trevas. Leia-se, pois, o *Spiritismo*, e assim se ficará prevenido contra a invasão satanica de um inimigo, que em outros paizes tem feito muito mal. Ao illustrado auctor agradecemos a offerta.

Compendio de Historia Universal, coordenada segundo os programmas officiaes para uso dos lyceus e das escolas normaes, por Francisco Pedro Brou, etc. etc. 1 vol. 500 réis—Cluvel & C.ª, editores—Porto, rua do Almada.

Agradecemos aos editores a offerta d'este livro, que deve ser util para o ensino da historia, attendendo ao merito do auctor, que nos parece ser pessoa competente para trabalhos d'esta ordem.

O Systema Metrico da Infancia, por Francisco Maria Henriques da Silva Pereira, approvado pela junta consultiva d'instrucção publica. 12.ª edição—Preço 300 rs.—Cluvel & C.ª, editores—Porto.

Quer-nos parecer que é este o mais completo tratado para o estudo de arithmetica nas escolas, e o que mais se harmonisa com as pequenas intelligencias das creanças, o que se prova pelas muitas edições que tem tido.

A Maçonaria, eis o inimigo, ou a Encyclica «Humanum Genus», traducção do italiano—Preço 60 réis, editor J. C. P. da Cruz—Porto.

Devem ser feitos os pedidos d'este interessante livrinho á redacção do *Despertador*, rua de S. Miguel 66—Porto, a quem agradecemos a mimosa offerta. Livrinhos d'estes devem ler-se, propagar-se, recommendar-se, que vae n'isso um bom serviço.

A. DOS GUIMARÃES.

Felicitamos os nossos collegas. «O Conservador», da cidade de Cunha, no Brazil, por entrar no 4.º anno da sua publicação, «O Ovarense», de Ovar, por entrar no 2.º e a «Cruz do Operario», de Lis-

boa, por haver encetado o 5.º anno. A todos desejamos prosperidades sem conta, muito principalmente aos que, como nós, pelejam pela causa da religião e da patria.

Retrospecto da quinzena

Não sabem os leitores? voltamos a Braga. O dia 29 de julho foi um dia de calor espantoso, e foi n'esse dia que nós voltamos á cidade dos arcebispos. Dissemos que iriamos breve a Braga e fomos; eis-nos de volta. Havia n'esse dia uma romagem no alto da Falperra, na serra que divide os dois concelhos de Braga e Guimarães, romagem onde concorre um povoleu immenso das duas cidades e arredores. Era a estrada cheia de gente, alegre, em grupos e descantantes, como só este povo do Minho sabe formar. Nós não fomos á romaria, que pressa tínhamos de chegar a Braga, e lá estávamos ás oito horas da manhã, ajoelhados na Sé a dar graças á Virgem por nos deixar chegar livre de perigos, e logo alli tivemos o prazer de encontrar o nosso amigo e virtuoso sacerdote Padre João Velloso, que mais tarde nos recebia em casa com aquella bondade que tanto o caracteriza. D'aqui lhe agradecemos o tempo que tão agradavelmente passamos em sua casa—uma casa cheia de ar e de luz, de fresco e harmonias.

Não devemos deixar de lembrar a nossos leitores que nos hospedamos no Hotel Transmontano, na rua de S. João. Casa decente, bom serviço e um preço baratissimo se o compararmos com o dos outros hotéis de Braga. Dá vontade a gente voltar a Braga para ler um jantar tão variado, tão fresco, porque foi feito de proposito para nós, por querermos jantar ao meio dia para irmos ao Bom Jesus. Aos tres mil assignantes do *Progresso Catholico* recommendamos esta casa, e pedimos que a prefiram a qualquer outra.

As 3 horas da tarde eramos no Bom Jesus, e ao toque das Ave-Marias atravessavamos Braga com destino a Guimarães onde chegamos ás 10 e meia horas depois de gozar uma bella noite de luar, e de receber em cheio as frescas e balsamicas brisas que nos vinham dos montes, dos campos, dos rios e dos jardins.

Vae passado mais de um anno que o Santo Padre Leão XIII fizera publicar a Constituição acerca da Ordem Terceira de S. Francisco, e muitas corporações, pertencentes á dita Terceira Ordem, não teem satisfeito ás determinações do Soberano Pontifice, pelo que são nullos todos os actos espirituaes, e de nenhum

effeito tudo quanto se faça para alcançar as indulgencias concedidas.

Transcrevemos em seguida uma consulta feita à redacção da *Semana Religiosa Bracarense*, e a resposta que a mesma redacção deu, pela qual resposta se fica sabendo o caminho errado que levam as mesas das Terceiras Ordens de S. Francisco, enquanto não cumprirmos as determinações do Santissimo Papa:

«Pergunta.

Tendo o SS. Padre Leão XIII publicado uma nova Constituição, pela qual se devem reger as Ordens Terceiras de S. Francisco, que deverão agora fazer as ditas Ordens Terceiras seculares?

Resposta.

Estão obrigadas em consciencia a reformar já os seus estatutos, em conformidade com a dita Constituição do SS. Padre Leão XIII, e a fazer um regulamento interno, segundo a Constituição, procedendo logo depois d'approvedo o estatuto a nova eleição e requerendo à auctoridade ecclesiastica facultade para o seu visitador ou commissario; pois sem fazerem isto não gosam nenhuma indulgencia, nem tem nenhum privilegio, por que o Santo Padre derogou na dita Constituição (que n'este semanario se publicou no n.º 421) todos os privilegios, graças e indulgencias até alli concedidas, e só ficam vigorando as novas concedidas na dita Constituição.

Braga, Seminario dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, 17 de junho de 1884.

O Vice-Reitor

Monsenhor Rebello de Menezes.

(«Semana Religiosa Bracarense» n.º 474, de 18 de junho de 1884.)

Em Roma, na Roma dos Papas, foi recebida entre os maiores applausos a noticia da victoria alcançada pelos catholicos belgas, pois como é bem sabido: Sua Santidade o Papa Leão XIII foi algum tempo Nuncio em Bruxellas e conserva alli muitos e dedicados amigos, entre os quaes se contam alguns dos actuaes ministros. Tudo nos leva a crer que dentro em pouco será restabelecida a paz entre o governo belga e a Santa Sé, e a ser verdade o que os jornaes estrangeiros nos participam, será nomeado Nuncio em Bruxellas Monsenhor Rotelli, delegado apostolico em Constantinopla. Prelado de toda a confiança, e que fôra discipulo do Papa actual no Seminario de Peruza. Já se sabe nos centros politicos de Bruxellas quem será o representante que irá a Roma, mas não se diz por enquanto o seu nome.

—São também gratas as noticias vindas da Allemanha acerca da questão religiosa, e Deus queira que se realizem as que nos tem trazido o correio estes ultimos dias.

—Correm admiravelmente as cousas religiosas na Suissa, e se attendermos

à nomeação do Bispo de Basilea para cidadão de honra do cantão de Lucerna, alta distincção a que este cantão quiz elevar o seu Prelado, tão perseguido pelos ultimos governos, podemos esperar um futuro de paz e felicidade para este paiz.

—Em França o negocio é mais serio, e para esta noticia chamamos a attenção de todos os *liberaes* portuguezes, e muito especialmente a do snr. Martins de Carvalho, do *Comimbricense*. Ora leiam: «Alguns alumnos da escola militar de Saint Cyr, em França, impulsionados, dizem, por idéas legitimistas (!) rasgaram o azul e vermelho que formava duas das tres partes da bandeira da França moderna, e só lhe deixaram o pedaço branco.»

Parece-nos que a bandeira da legitimidade em França é branca, e n'este caso, não ha remedio, snr. Martins de Carvalho, se não estabelecer dois cordões sanitarios contra a França: um para nos livrar do cholera, outro para nos livrar do remedio que a França quer obrigar a Europa a tomar, contra um outro cholera, que ha mais de meio seculo está senhor d'ella.

E, a proposito. O snr. Martins de Carvalho leu a *Religião e Patria*, d'esta cidade, do dia 9 de Julho? Se não leu vou dar-lhe eu a primeira parte d'uma noticia, que é, sejamos francos, para fazer arripiar os cabellos. Ora leia:

«CENTRO LEGITIMISTA.—INSTALLOUSE HONTEM N'ESTA CIDADE UM CENTRO LEGITIMISTA!!!»

Horror! Nós quando lemos uma tal noticia, ficamos abysmados! E ainda mais quando lemos que o Presidente do Centro é o Ex.^{mo} Snr. Diniz da Costa Santiago, cavalheiro distincto, pertencente a uma familia illustre, e um dos rapazes mais da moda d'esta cidade. Isto agora é mais serio snr. Carvalho. Enquanto os legitimistas eram velhos *podiamos* não fazer caso; mas agora, com rapazes de bigode, com *dandys*, o negocio cheira a mais e então... nós não derramamos o *nosso* sangue, pela causa da *liberdade*, para ella só durar cincoenta annos.

Toque a rebato.

O *Diario do Governo*, de 25 de julho, dá-nos aviso de que no dia 25 de agosto, perante o governador civil de Braga se tem de arrematar varios foros, entre os quaes 13 pertencentes à Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães.

São estes os foros postos em praça com o abatimento de 80 por cento, o que dá o seguinte resultado, em *beneficio* da dita Collegiada.

Os 13 foros valem, segundo a avaliação 2:545581 réis, e são agora postos em praça por 5098133 réis.

Não conhecemos melhor meio de *proteger* a Religião Catholica que, em virtude da *carta*, é a religião do Estado, do que cortar por largo os rendimentos da Igreja. Mas, estas medidas serão aconselhadas, talvez, pela hygiene, porque em algumas terras, ao contrario do que se faz em todo o mundo, tira-se o dinheiro ao pobre povo em nome da hygiene, para o livrar do cholera. Em França recebem os povos dinheiro do Papa, do governo da Republica, dos principes, para poderem precaver-se contra a terrivel epidemia; em outras partes, sabemos nós que as auctoridades para porem o povo ao abrigo do cholera fazem-no pagar uma multa e... adeus molestia, adeus tísica que affectava as algibeiras dos esbirros.

Onde irá isto parar?

Dizem os jornaes que o principe de Galles mandará depôr na tumba do principe de Orange, ha pouco fallecido, uma corôa com a seguinte inscripção:

«Testemunho de amizade fraternal e de respeito, a Alexandre, principe de Orange, grão mestre da franco-maçonaria dos Paizes Baixos, da parte de Alberto-Eduardo, principes de Galles, grão mestre da franco-maçonaria de Inglaterra.»

A' vista de tudo isto que quer o povo que se lhe faça! Reis, principes, governos, magistrados, tudo está filiado na *santa* irm.: que tem por lema—liberdade, mas liberdade de espesinhar, calcar, arrastar todos que não forem como elles filhos da viuva. E mettem-se em tudo, não escapando sequer as confrarias, irmandades, ordens terceiras etc. etc. E a sua nefasta influencia logo se sente, dá signaes de si.

Não seja, porém, motivo de pezar o que ahi deixamos escripto; porque se a maçonaria tem sob as suas bandeiras arregimentado gente de todas as cathogorias, o catholicismo todos os dias abre as portas a almas que andavam transviadas, e que a ellas vão bater pedindo perdão e paz.

Ainda ha pouco na Allemanha, berço do protestantismo, um official da guarnição de Baulezen, abjurou seus erros, e mais dois officiaes, pertencentes ao mesmo regimento e filhos da mais alta nobreza allemã, se preparam para dar passo igual.

O principe Henrique de Hanau, sobrinho do imperador Guillierme, acaba de fazer-se catholico, abjurando seus erros perante a Nunciatura de Paris.

M. Humter, um dos mais distinctos membros da aristocracia da Escocia protestante, convertendo-se ao catholicismo entrou no mosteiro dos Benedictinos de Fort-Augustus.

O milionario protestante Butter, irlandez, fez-se catholico para casar com uma pobre rapariga catholica.

Dêmos graças a Deus.

O celebre romancista francez, Paulo Feval, escreveu ha pouco um livro sob o titulo de *O dinheiro do sagrado Coração*, dando todos os lucros que pudesse ter para a Basilica do Sagrado Coração de Jesus, que se anda edificando em Paris. O editor, Victor Palmé, catholico, cedeu tambem todos os seus direitos, havendo já um sulto a favor das obras da Basilica de perto de 6 contos de réis. Note-se que a obra é vendida a 45 réis, aproximadamente.

Devem ter-se vendido mais de 25 mil exemplares!

Fez-se no dia 20 de julho a festa á Virgem do Carmo, cuja imagem se venera na capellinha da Penha, na serra de Santa Catharina, sahindo a santa imagem em procissão, levando junto um coro de virgens que cantava os seguintes versos, feitos pelo nosso amigo José Ferreira Mendes d'Abreu:

«Flôr mimosa do Carmello,
Virgem pura e immaculada,
Dos prophetas antevista
E do mundo suspirada.

Dos enfermos dôce alivio,
Sois, Maria, em suas dôres;
Sois estrella matutina,
Refugio dos peccadores.

CORO

Alcançae do Pae celeste
De quem sois a filha amada,
Paz serena á santa Igreja
E protecção declarada.»

A romagem foi este anno pouco concorrida, devido á morte dos dois Padres, que eram a alma d'esta festividade.

Principiou assim a Maria da Fonte, e mais, quer-nos parecer, não havia tanto motivo de descontentamento publico como na occasião presente. Mas foi assim, e quem lêr a seguinte noticia ficará sabendo como principiára o grande movimento do Minho:

«Hontem, 10 do corrente, houve grande tumulto na freguezia de Soutello, concelho de Villa Verde, por occasião do enterramento de um individuo ali fallecido.

Quando o corpo do defunto estava para ser dado á sepultura, e esta já aberta no adro, conforme ha tempos ali se tem praticado, appareceu grande multidão de mulheres armadas com enchadas, e acto continuo abriram nova sepultura dentro da igreja e encheram de terra a que estava aberta no adro, e no meio de grande algazarra sepultaram o cadaver na cova que abriram, clamando contra os enterros no adro.

Ninguem se oppoz ao attentado, mas é provavel que as autoridades tomem conhecimento do facto.»

Foi assim que principiou a *Maria da Fonte*, mas quem melhor quizer saber como essa *mulher se armára*, procure adquirir um livro que o Padre Casimiro vae publicar. O Padre Casimiro foi um dos heroes d'essa revolução, e por isso deve ter importancia historica o seu trabalho.

J. DE FREITAS.

Secção Necrológica

O Padre Antonio José Ferreira Caldas

MAL CENIZAS eram ainda as lagrimas, vertidas por um amigo querido, e já uma outra campã se abria, já o dobre funereo nos annunciava a morte de um outro amigo.

O Padre Antonio Caldas já não existe! Eclipsou-se aquelle astro que brilhava esplendido do alto da tribuna sagrada e que alastrara seus raios luminosos pelas paginas de importantes publicações.

Emmudecera aquella bocca que tão bons ditos modelara, que tão bons pensamentos soltara, que nos dera horas de não esquecidas alegrias.

O Padre Caldas ha muito que soffria, e nós ha muito que receavamos já o golpe que agora o roubára a todos, que eram seus amigos. Construcção debil, e nem sempre bem resguardada das ventanias que tombam as mais robustas, o nosso amigo via cada dia abrir-se a seus pés o abysmo que havia tragal-o, e de que elle, sempre alegre, sempre folgazão, não sabia afastar-se.

Morreu no dia 22 de julho, cinco dias depois do fallecimento do seu e nosso amigo Padre Abreu. Eram amigos inseparaveis; a morte separou-os só cinco dias, e hoje jazem á sombra dos mesmos cyprestes, escondidos sob a mesma terra, ao abrigo dos mesmos muros. Os amigos que foram de ambos unirão n'uma mesma prece o tributo da sua amisade, orvalharão com as mesmas lagrimas as saudades que nascerem das suas campas, enramalhetarão com as mesmas violetas as duas cruces que as assombram.

Ha muito que gosamos da amisade do Padre Caldas, mas quando ella mais se estreitou foi no dia em que o associamos ao maior dos nossos pensamentos, em que o fizemos confidente do que por longo tempo nos occupara. Todos sabem que o Padre Caldas foi o que mais se enthusiasmára com a ideia do monumento a Pio IX o Grande, mas o que poucos sabem é a parte que elle tomou n'essa grandiosa ideia, antes mesmo d'ella cair no dominio publico.

E' isso o que vamos mostrar, agora que elle está livre das glorias da terra.

Um dia, quando o Padre Caldas mais atarefado andava com a sua obra—*Guiarões, apontamentos para a sua historia*, apparece em minha casa, sobrando de baixo da capa alguns livros antigos que ia consultar. Era uma manhã de calor, ali pelos meados de maio de 1881. Fallamos da Penha. Quando o vi mais entusiasta fallar das bellezas da pittoresca serra, disse-lhe:—Queres tu fazer convergir todas as vistas do mundo catholico sobre a Penha?—Como? respondeu elle, tirando o barrete e encrespando o cabello.—D'uma maneira muito simples, fazendo erguer no mais alto da serra um monumento a Pio IX.—Bellissima ideia, disse elle, em pé, em frente de mim, mostrando nos olhos toda a alegria que lhe ia n'alma. E' esplendido o pensamento, havemos de fallar n'isso. E desde esse dia, até ao 17 de julho poucos dias se passavam sem que nós tivéssemos horas de animado cavaco ácerca da grandiosa ideia. Foi durante estes dois mezes que as nossas relações de amisade mais se estreitaram, porque nossas almas tinham o mesmo pensamento, o mesmo desejo, as mesmas aspirações. Depois de nomeada a commissão até ao dia do lançamento da primeira pedra foi ainda o Padre Caldas o mais forte auxillar que tivemos; tudo que eu lembrasse elle approvava e tudo se realisara.

Seja esta a flôr mais bella que orne na Bemaventurança a frente do nosso amigo.

Se um dia, leitores do *Progresso Catholico*, visitardes o cemiterio da Touguia, procurae as campas que cobrem os restos mortaes dos Padres Caldas e Abreu e orae por essas duas almas, e ao lêr estas linhas, ajoelhae e offertae-lhe a ambos um P. N. e A. M.

J. DE FREITAS.

Subscrição para a reconstrucção do monumento á Virgem do Sameiro

Umheiro entregue á Commissão	318880	
Recebido dos Ex. ^{mos} Srs.:		
Antonio C. da Silva Torres.....	500	
Padre Joaquim Gomes Duque.....	800	
R. S.....	500	
Um anonymo de Coimbra.....	250	
Manoel da Cunha Fernandes.....	36000	56050
Somma.....		366930

Na segunda-feira 28 de julho tiveram principio os trabalhos da reconstrucção do monumento.